

## **O impeachment de Dilma Rousseff (PT) sob a ótica do jornal *Folha de São Paulo*<sup>1</sup>**

Mariane Motta de CAMPOS<sup>2</sup>  
Mayra Regina COIMBRA<sup>3</sup>  
Deborah Luísa Vieira dos SANTOS<sup>4</sup>

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

### **RESUMO**

A partir da relação simbiótica entre o campo político e a instância midiática, a presente pesquisa traz uma discussão sobre as relações de poder exercidas por esses campos e sobre o conceito de enquadramento noticioso. O artigo traz um estudo acerca do enquadramento noticioso dado pelo jornal *Folha de S. Paulo* ao processo de *impeachment* da presidente Dilma Rousseff (PT). Como metodologia, recorreu-se à Análise de Conteúdo de Bardin (2011) mesclada com a Análise de Enquadramento (GAMSON; MODIGLIANI, 1993; MAIA; VIMIEIRO, 2011).

**PALAVRAS-CHAVE:** Enquadramento; *Folha de S. Paulo*; *Impeachment*; Pacotes Interpretativos.

### **1. INTRODUÇÃO**

O presente artigo tem como objetivo analisar o enquadramento noticioso dado pelo jornal *Folha de S. Paulo* ao processo de *impeachment* da presidente Dilma Rousseff (PT). Dessa forma é importante compreender que o campo midiático assume posição de centralidade na sociedade contemporânea, funcionando como palco, em que diversos atores sociais buscam visibilidade e legitimidade do público (RODRIGUES, 1990). Nesse sentido, a interface mídia e política tem sido tema recorrente nos estudos das ciências sociais, marcado pelo seu caráter interdisciplinar entre os campos da

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Jornalismo Impresso, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGCOM-UFJF), e-mail: [marianemottadecampos@hotmail.com](mailto:marianemottadecampos@hotmail.com).

<sup>3</sup> Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGCOM-UFJF), e-mail: [mayrarcoimbra@gmail.com](mailto:mayrarcoimbra@gmail.com).

<sup>4</sup> Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGCOM-UFJF), bolsista CAPES. Este trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES). e-mail: [dls1@hotmail.com](mailto:dls1@hotmail.com).

---

Comunicação, da Ciência Política e da Sociologia. Por isso, compreender o impacto das mídias em nossas vidas, sobretudo no campo político, torna-se fundamental.

Quanto ao contexto político, o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff (PT) trouxe instabilidade para a política brasileira, intensificando a crise política e institucional, influenciada pelos escândalos de corrupção e a Operação Lava Jato, na qual dezenas de políticos e empresários estão envolvidos. Santos (1993) analisa a fragilidade da democracia brasileira, apontando o baixo grau de institucionalização, tendo em vista que, no país, as instituições têm suas regras alteradas à mercê do jogo de interesses entre as elites empresariais e políticas, que se articulam em favor de suas demandas específicas. Constata-se que o processo democrático brasileiro passou por vários momentos de ruptura, como os golpes militares em 1937 e 1964. Em 1985, iniciou-se o processo de consolidação democrática e o fato de termos chegado à sétima eleição presidencial (1989, 1994, 1998, 2002, 2006, 2010 e 2014) parecia indicar o fortalecimento da democracia. Porém, a política brasileira ainda sofre interferências de grupo dominantes e seus interesses. Santos (2017) aponta o *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff (PT) como mais uma ruptura da ordem democrática e institucional e trata o processo como um golpe jurídico, político e midiático. Dessa forma, compreender o papel da mídia nesse contexto torna-se fundamental para entender como chegamos à eleição de 2018, em que parte dos eleitos apresentou-se como “o novo da política” ou até mesmo como “não-políticos”.

As teorias contemporâneas do jornalismo trabalham a perspectiva de que as notícias são um processo de construção social complexo que envolve múltiplos fatores, como a linha editorial, os critérios de noticiabilidade, a dependência das fontes, os recursos disponíveis, as rotinas de produção. Destaca-se a teoria do enquadramento (GOFFMAN, 1986) que trabalha com a ideia de que os jornais, ao selecionar determinados fatos, enfatizam alguns aspectos a partir de mapas culturais, excluindo outros elementos.

Para a análise será utilizada, em um primeiro momento, um modelo híbrido, o qual articula a Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011) e de Enquadramento, observando os enunciados e discursos de natureza variada, a fim de captar o modo como a realidade é enquadrada por eles. A partir disso, foram elaborados “pacotes interpretativos” (GAMSON; MODIGLIANI, 1993; MAIA; VIMIEIRO, 2011), com intuito de

compreender qual o enquadramento noticioso foi dado pelo jornal *Folha de S. Paulo* ao *impeachment* no governo Dilma Rousseff (PT).

## **2. ANÁLISE DE ENQUADRAMENTO DA COBERTURA DA FOLHA DE S. PAULO SOBRE O PROCESSO DE IMPEACHMENT**

A partir do mapeamento de 141 notícias ou artigos publicados no jornal *Folha de S. Paulo*, nos recortes feitos a partir dos pronunciamentos da ex-presidente Dilma Rousseff (PT), em momentos considerados chaves para a tramitação de seu processo de cassação, foram definidos seis pacotes interpretativos. Os momentos considerados cruciais foram: (a) a abertura do processo de *impeachment* na Câmara dos Deputados a cargo do então presidente da Casa, deputado Eduardo Cunha (PMDB), no dia 02 de dezembro de 2015; (b) data da votação na Câmara dos Deputados – 17 de abril de 2016 – que deu abertura ao processo de cassação; (c) data de votação no Senado, quando Dilma foi afastada até que a votação final ocorresse; e (d) data de votação final do processo de *impeachment*, que ocorreu em 31 de agosto de 2016.

### **2.1 Análise Quantitativa do Enquadramento da Folha de S. Paulo sobre o impeachment**

Com base no conteúdo das notícias coletadas, foram definidos os seguintes eixos interpretativos: (1) Batalha do *impeachment*; (2) Posicionamento sobre o *impeachment*; (3) *Impeachment* e seus rituais; (4) Crise econômica e o *impeachment*; (5) Crise política e o *impeachment*; e (6) O *impeachment* e o governo Michel Temer (PMDB). No Quadro 1, é explicado cada eixo interpretativo.

**Quadro 1 – Pacotes Interpretativos do Enquadramento da Folha de S. Paulo sobre o processo de impeachment**

<b>Pacote Interpretativo</b>	<b>Descrição do tipo de enquadramento</b>	<b>Número de Notícias</b>	<b>Percentual</b>
1. Batalha do <i>impeachment</i>	Refere-se a notícias que enfatizam a batalha, principalmente, nos bastidores para busca de apoio tanto por parte de Dilma Rousseff (PT) como da oposição em torno da aprovação ou não da aceitação de abertura e posteriormente da própria cassação da ex-presidente. Mostram ainda os possíveis placares e como está a disputa no Congresso, além da movimentação por parte de organizações da sociedade civil e da própria população a favor ou contra o <i>impeachment</i> .	60	42,56%

2. Posicionamento sobre o <i>impeachment</i>	Seleciona as notícias que trazem o posicionamento seja de atores políticos, atores sociais ou integrantes do Judiciário ou de especialistas sobre o <i>impeachment</i> , a favor ou contra.	34	24,11%
3. <i>Impeachment</i> e seus rituais	Foca nas notícias mais técnicas que explicam mais didaticamente como se dá a tramitação do processo de <i>impeachment</i> da presidente no Congresso – tanto na Câmara dos Deputados quanto no Senado.	12	8,51%
4. Crise econômica e o <i>impeachment</i>	Relaciona-se a notícias que, para mostrar a fragilidade da ex-presidente Dilma, focam na crise econômica que afetava o País.	12	8,51%
5. Crise política e o <i>impeachment</i>	Relaciona-se, também, a notícias, que, neste caso, revelam a fragilidade de Dilma do ponto de vista político com a perda de apoio no Congresso, já que tinha uma forte base aliada e no período do <i>impeachment</i> perdeu apoio de quase todos, em destaque do próprio PMDB.	12	8,51%
6. O <i>impeachment</i> e o governo Michel Temer (PMDB)	Referem-se a notícias que já tratam de expectativas ou de atos do governo Temer, seja como interino quando Dilma foi afastada até o julgamento final ou depois que ele assume logo após o dia 31 quando foi aprovado o <i>impeachment</i> , limitando-se a um dia após a votação.	11	7,80%
TOTAL		141	100%

Fonte: autoria própria.

Como fica evidente, de um total de 141 notícias publicadas pela *Folha de S. Paulo* sobre o processo de *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff (PT), 60 delas (42,56%) refere-se ao enquadramento “Batalha do *impeachment*”. 34 matérias (24,11%) refere-se ao posicionamento de atores políticos, sociais e especialistas com relação ao processo de *impeachment*. As matérias que se referem aos rituais do *impeachment*, à crise econômica e à crise política em torno do período do processo somam 36 matérias (equivalente a 8,51% para cada). Por fim, as matérias que se referem ao *impeachment*, com enfoque no governo de Michel Temer, somam 11 (7,80%).

## 2.2 Análise Qualitativa do Enquadramento da *Folha de S. Paulo* sobre o *Impeachment*

### Batalha do *impeachment*

Foram escolhidas algumas das notícias, a fim de analisar de forma qualitativa o enquadramento dado pelo jornal *Folha de S. Paulo* ao processo de impedimento da

presidente Dilma Rousseff. Conforme mostrado no Quadro 1, o eixo interpretativo a ser analisado neste momento refere-se às notícias que enfatizam a batalha, principalmente, nos bastidores, para busca de apoio tanto por parte de Dilma Rousseff (PT), quanto da oposição em torno da aprovação ou não da aceitação de abertura e, posteriormente, da própria cassação do mandato. Mostram ainda os possíveis placares e como estava a disputa no Congresso, além da movimentação por parte de organizações da sociedade civil e da própria população a favor ou contra o *impeachment*. Esse foi o enquadramento predominante diante do recorte definido, uma vez que, das 141 matérias analisadas, 60 (42%) delas foram referentes a esse pacote interpretativo. Tendo em vista o conceito de enquadramento, é importante ressaltar o enquadramento predominante na mídia: o dramático (narrativo). Tipo de enquadramento enraizado na sociedade e na cultura, considerado ordenador, prático e compreensível (MOTTA, 2007).

Para Motta (2007), os jornalistas apresentam a realidade política como um campo em conflito, o que interessa ao Jornalismo, já que ele depende da audiência e, para isso, precisa seduzir e capturar a atenção. Assim, o Jornalismo instiga o conflito, trazendo as personagens políticas para a arena e convocando-as para fazer acusações e respostas sucessivas. Dessa forma, o conflito gerado pelo processo de *impeachment* não poderia ser diferente. O enquadramento buscou simplificar os conflitos e bastidores diante de um episódio de quebra da “normalidade” do campo político.

Analisando as matérias veiculadas pelo jornal *Folha de S. Paulo*, conseguiu-se compreender o enquadramento dramático dado ao processo de *impeachment*. A matéria do dia 31 de agosto de 2016, intitulada “Senado sela destino de Dilma, e Temer já prepara medidas”, traz uma previsão da votação no Senado, que, de acordo com o jornal, seria a favor do afastamento da presidente Dilma. Ainda, traz um placar realizado pelo jornal, no qual a maioria dos senadores é favorável à cassação do mandato. Dessa forma, a *Folha de S. Paulo* mostra os bastidores do processo e a previsão da votação na batalha do *impeachment*. Além disso, a matéria prevê que a posse de Michel Temer (MDB) poderia ser dada como certa e já colocava como pauta as reuniões ministeriais e os primeiros atos do novo governo. Retomando a classificação de Porto (2004), mesmo que focada na corrida eleitoral, o placar do *impeachment* na *Folha* pode ser enquadrado como “corrida de cavalos”, no qual há uma ênfase em torno de quem sairá vencedor ou perdedor.

---

As notícias que tratam a batalha do *impeachment*, demonstrando as expectativas e bastidores, atendem à lógica espetacular midiática. O espetáculo é como um conjunto das relações sociais mediadas pela imagem. Ao tentar mostrar os bastidores do processo de *impeachment* e tentar facilitar a compreensão do episódio através do personalismo e do confronto entre o governo e a oposição, a mídia leva a sociedade a uma aparência alienada da realidade (DEBORD, 1997). Percebe-se o interesse pela dramatização e, ao retratar que a equipe de Dilma estava triste e abatida, fica nítido o enquadramento espetacular (GOMES, 2004).

Na matéria intitulada “Dilma só não foi traída pelo PT e PC do B”, do dia 18 de abril de 2016, após a votação na Câmara dos Deputados, que decidiu pela continuidade do processo de impedimento, o jornal traz os bastidores da batalha, apontando “traições” de partidos aliados ao governo. A reportagem retrata ainda o enfraquecimento do governo, já que até mesmo “deputados que integraram a gestão como ministros” votaram a favor do *impeachment*: O texto traz as palavras decepção e traição para expor o conflito diante do processo, empregando, mais uma vez, a dramatização no enquadramento da batalha do *impeachment*. O tom dramático e espetacular está presente nos próprios termos escolhidos, remete a um caráter teatral, em que o enredo aponta mocinhos e vilões, e recorre a sentimentos da vida privada, e não da vida pública. Isso fica evidente na forma como é retratada a ruptura entre a petista e o então vice-presidente. A matéria destaca ainda o conflito entre Temer e Dilma: “Ator ativo das articulações para a destituição da petista, o vice Michel Temer, caso assuma, levará pela terceira vez o PMDB ao comando do país” (*Folha de S. Paulo*, 18 de abril de 2016).

Na matéria intitulada “Citados na Lava Jato engrossam placar”, o destaque foi para os deputados alvos da operação Lava Jato, que foram favoráveis ao *impeachment*. A matéria informou ainda como votaram as principais bancadas do Congresso e a previsibilidade da votação de cada senador na próxima etapa. Dessa forma, mais uma vez, o jornal aponta para um desfecho e demonstra os bastidores da votação. Destaca-se, aqui, o jornalismo no papel de ator político ao buscar interferir na realidade política, já sentenciando, a partir de expectativas de votos dos senadores, o veredito do Senado sobre o processo de cassação da presidente (LIMA, 2006; TRAQUINA, 2001).

A opinião pública constrói-se através dos meios de comunicação. Assim, a mídia busca grandes audiências por meio da espetacularização e se utiliza do poder de

interferência na opinião pública para lucrar, vendendo a notícia e interferindo em setores importantes da sociedade como a política (GOMES, 2004). Ao destacar a Operação Lava Jato e o fato do processo de *impeachment* estar envolto a pessoas investigadas, a mídia acaba por interferir no campo político de forma a enaltecer o *star system* da política, não só ao dar visibilidade a ele, mas também ao desconstruir a imagem de outros atores políticos (SCHWARTZENBERG, 1977). Ainda, ao analisar algumas matérias que tratam da batalha do *impeachment*, com um enquadramento dos bastidores do processo, percebe-se que o jornal buscou simplificar o processo, trazendo os conflitos e personagens. Além disso, a *Folha*, como representação da grande mídia brasileira e influenciadora da opinião pública, buscou trazer possíveis placares sempre desfavoráveis ao governo Dilma, demonstrando a falta de força da petista para manter a governabilidade.

### **Posicionamento sobre o *impeachment***

O eixo interpretativo a ser analisado neste momento refere-se às notícias que trazem o posicionamento seja de atores políticos, atores sociais, integrantes do Judiciário ou de especialistas sobre o *impeachment* a favor ou contra. Esse enquadramento, conforme mostra o Quadro 1, foi o segundo mais predominante. Das 141 matérias coletadas, 34 (24,11%) foram referentes às notícias que davam enfoque a posicionamentos sobre o processo de *impeachment*. Foram escolhidas algumas notícias veiculadas pelo jornal, a fim de analisar como foi enquadrado o posicionamento sobre o processo. No dia 03 de dezembro de 2015, o jornal veiculou um artigo de opinião intitulado: “*Impeachment* não resolve recessão, mas dá aval”. O artigo destaca que, um dia antes de o presidente da Câmara aceitar o pedido de *impeachment*, foi divulgada “a brutal recessão que o país atravessa, com inflação de 10% ao ano”. Dessa forma, o artigo defende que, levando ou não à destituição de Dilma, o processo funcionaria como uma espécie de *reset*, com uma nova política, diferente da que levou à recessão. O texto mostra um posicionamento negativo diante da crise econômica gerada durante o governo Dilma, enquadrando de forma positiva a abertura do processo de *impeachment*.

A matéria intitulada “Cachecóis e gafes marcam 1º dia de debates” enquadra de forma negativa os pronunciamentos dos deputados a favor e contra o *impeachment* no primeiro dia de debates no Congresso, um dia antes da votação que decidiu pela

continuidade do processo. A matéria apontou os argumentos da defesa e da acusação e destacou a disputa entre os deputados que vestiam “fitas coloridas e exibiram faixas com mensagens como ‘não vai ter golpe’ e ‘Acabou a boquinha’”. O jornal reforçou ainda os momentos acirrados de embate no Congresso: “A deputada Carmen Zanotto (PPS – RS) também escorregou ao citar palavras de ‘baixo escalão’” (*Folha de S. Paulo*, 16 de abril de 2016). O posicionamento do jornal com relação a essa etapa do processo e à postura dos deputados foi negativo. A coluna posiciona-se de forma desfavorável à oposição do governo petista, mais especificamente às figuras Aécio Neves e Eduardo Cunha, destacando que “os que tomam o poder não trazem correções”. Observa-se um posicionamento crítico da coluna do jornal ao processo que levou à perda de mandato da presidente Dilma Rousseff.

A matéria intitulada “Constituição foi respeitada, dizem EUA” traz a posição favorável dos Estados Unidos com relação ao resultado do processo que levou à perda do mandato da presidente. A matéria destacou a posição americana, que “elogiou a solidez das instituições brasileiras e reiterou o respeito às regras democráticas”. A reportagem informou ainda que Argentina e Chile também consideraram que o processo respeitou as regras constitucionais, enquanto Venezuela, Equador e Bolívia convocaram seus embaixadores com o intuito de discutir a situação que viam como um golpe. Ao dar destaque ao posicionamento dos Estados Unidos, o jornal enquadrou nessa matéria, de forma positiva, o processo de *impeachment*.

No caso da cobertura política, os enquadramentos permitem aos jornalistas conquistar audiências, organizar e interpretar temas e eventos políticos de forma específica. Assim, os enquadramentos noticiosos pautam as conversas e discussões sobre problemas sociais e políticos, fazendo com que o enquadramento tenha um importante efeito no modo como a audiência interpreta esses problemas (PORTO, 2004). Analisando a forma como foram enquadradas as matérias sobre posicionamentos, escutando mais atores sociais, políticos, o Judiciário e especialistas, que consideravam o processo de *impeachment* constitucional, o jornal demonstrou um posicionamento favorável ao processo mesmo que em alguns momentos tenha dado voz a posicionamentos contrários ao processo de impedimento.

### ***Impeachment e seus rituais***



---

O pacote interpretativo analisado neste momento dará enfoque às notícias mais técnicas, que explicam mais didaticamente como se dá a tramitação do processo de *impeachment* no Congresso – tanto na Câmara dos Deputados quanto no Senado. Esse enquadramento equivale a 12 das 141 notícias analisadas (cerca de 8,51%). A matéria intitulada “Câmara dá aval ao *impeachment* de Dilma Rousseff” destaca o ritual de votação na Câmara dos Deputados, que decidiu pela continuidade do processo de impedimento contra a presidente: “Por 367 votos a 137, o processo de *impeachment* contra Dilma Rousseff (PT) avançou nesse domingo (17) na Câmara, a segunda vez em 24 anos em que o afastamento de um presidente foi aprovado pelos deputados federais” (*Folha de S. Paulo*, 18 de abril de 2016). A matéria destacou ainda que “uma grande festa no Plenário saudou o momento” quando um deputado deu o voto número 342, que seria o voto mínimo requerido constitucionalmente. Noticiou as comemorações nas ruas: “Nas ruas, multidões de amarelo explodiram em festa. Houve fogos, buzinaço e panelaço” (*Folha de S. Paulo*, 18 de abril de 2016). O jornal explicou também como se daria o processo a partir da aprovação no Plenário da Câmara.

Um dia antes da votação no Senado, que decidiria pelo afastamento da presidente, o jornal enquadrando uma matéria especulando qual seria o ritual realizado por Dilma Rousseff, caso ela fosse afastada do cargo. A notícia intitulada “Dilma desiste de descer a rampa do Planalto” destaca que o gesto simbólico foi criticado pelo ex-presidente Lula, pois poderia dar um caráter de “fim de governo”. Dessa maneira, a equipe desistiu da ideia inicial de que a presidente desceria a rampa acompanhada dos ministros: “Após sair pela porta da frente do Planalto, Dilma deve cumprimentar a classe de militantes do PT e de movimentos sociais que estará em frente ao prédio [...]” (*Folha de S. Paulo*, 11 de maio de 2016). Dessa forma, a matéria dá uma prévia sobre como seria o ritual diante da possibilidade do afastamento. O jornal ainda destaca a estratégia do governo de reforçar o discurso de que ainda havia expectativa de reverter a decisão na análise final do processo de afastamento de Dilma Rousseff.

Ao enquadrar os rituais referentes ao processo de *impeachment*, pode-se perceber que, em alguns momentos, o jornal atendeu à lógica da dramatização e espetacularização. A mídia aciona três subsistemas: a diversão, o drama e a ruptura das regularidades para se caracterizar um processo de espetacularização (GOMES, 2004). O processo de *impeachment* pode ser caracterizado como uma ruptura das regularidades

conforme algumas matérias destacaram. O drama, trazido pelas matérias demonstrando a fragilidade dos advogados da acusação e da defesa, por exemplo, é acionado pelo jornal diversas vezes. Ao mesmo tempo, ao demonstrar os conflitos gerados pelo processo de *impeachment*, causando uma polarização dentro do Congresso e até mesmo nas ruas, não deixa de ser também espetacular tanto por romper com o cotidiano como por, em alguns casos, trazer manifestações que beiram o grotesco e o inusitado.

Analisando o enquadramento dos rituais do *impeachment*, observa-se o fator espetacular, bem como a necessidade de o jornal explicar os passos do processo e os possíveis resultados das votações. Giddens (1990) define o conceito de “sistemas peritos”, que se refere a sistemas de excelência técnica ou competência profissional, os quais organizam grandes áreas dos ambientes material e social em que se vive hoje. Assim, é fácil compreender que a mídia atua como um “sistema perito” no que se refere à arena política, exercendo um papel centralizador no que se refere ao campo da política e à opinião pública. Por isso, os jornais acabam tendo propriedade para explicar, mesmo de forma simplista, o processo de *impeachment*.

### **Crise econômica e o *impeachment***

Será analisado, agora, o eixo interpretativo relacionado às notícias que, para mostrar a fragilidade da ex-presidente Dilma, focam na crise econômica que afetava o país. Esse enquadramento, equivale a 12 das 141 notícias analisadas (cerca de 8,51%). Na matéria intitulada “Cortes inviabilizam urna eletrônica, diz Justiça”, o jornal destaca que um contingenciamento orçamentário imposto pelo governo poderia levar a Justiça Eleitoral a realizar as eleições municipais de 2016 sem urnas eletrônicas: “A tesourada causou mais um desgaste entre as cúpulas dos Poderes” e “Lewandowski e Toffoli prometem trabalhar para derrubar o corte no Congresso, restabelecendo a verba para a Justiça Eleitoral” (*Folha de S. Paulo*, 1º de dezembro de 2015). A matéria traz um enquadramento negativo do governo, pois não só demonstra a crise econômica, como destaca a crise entre o Executivo e o Judiciário na medida em que poderia afetar a Justiça Eleitoral.

Na reportagem intitulada “Governo teme que crise atual leve a alta nos juros em 2016”, o jornal destaca que, com a crise política e econômica, a equipe econômica avaliava que o Banco Central poderia não ter outra saída a não ser aumentar os juros no

---

curto prazo. A matéria ainda enfatiza que “uma eventual alta nos juros é vista com ressalvas e críticas pela área política do governo Dilma, que teme um agravamento da recessão no País” (*Folha de S. Paulo*, 1º de dezembro de 2015). Segundo o jornal, diante do cenário de crise, “[...] a equipe econômica acredita que as agências de classificação de risco podem antecipar suas decisões para o início de 2016 e rebaixar a nota brasileira, levando a um novo aumento do dólar”, e pressionando ainda mais a inflação (*Folha de S. Paulo*, 1º de dezembro de 2015). O enquadramento negativo da matéria é reforçado novamente pela crise econômica e política que o governo Dilma Rousseff enfrentava.

Ao definir o que é público e tornará público, julgando o que é mais importante, a mídia exerce um papel central na sociedade moderna (LIMA, 2006). Ao afirmar que até mesmo a base de sustentação do PT passou a tratar o partido com desconfiança, a *Folha de S. Paulo* optou por tornar pública a dificuldade do governo em governar. Ao fazer a análise da crise econômica, torna-se nítido o enquadramento negativo que o jornal deu ao governo, apontando diversas vezes a fragilidade da equipe econômica e do governo em superar a crise financeira e a crise política. Isso remete à discussão sobre a governabilidade em presidencialismo de coalizão. Com as notícias que davam um tom mais dramático à crise econômica e política, a *Folha de S. Paulo* ajudou a construir o cenário favorável a um processo de cassação da presidente – não exatamente pelos argumentos das pedaladas fiscais, mas pela suposta inviabilidade de o governo Dilma conseguir tirar o País da situação em que se encontrava. O discurso passou a ser mais explícito à medida que se aproximava a votação do *impeachment*.

Um campo é mais forte quando consegue impor aos outros campos a sua axiologia e quanto maior for o número de campos em que conseguir projetá-la melhor é. Dessa maneira, o campo dos *media* toma forma na medida em que determina o que dará visibilidade (RODRIGUES, 1990). Assim, é crucial considerar o enquadramento negativo do jornal dado ao governo Dilma, sobretudo no que se refere à crise econômica tendo em vista a influência do campo sobre os demais.

### **Crise política e o *impeachment***

O pacote interpretativo a ser aqui analisado relaciona-se às notícias, que revelam a fragilidade de Dilma do ponto de vista político com a perda de apoio no Congresso, já

que tinha uma forte base aliada e, no período do *impeachment*, perde-se apoio, em destaque do próprio PMDB, atual MDB. Esse enquadramento equivale a 8,51% do total. A matéria intitulada “Cunha ameaça *impeachment*, e petistas discutem salvá-lo” destaca a crise política referente ao conflito entre Eduardo Cunha (PMDB) e o governo. Segundo a reportagem, “na véspera da votação pelo Conselho de Ética de relatório preliminar sobre sua cassação, o presidente da Câmara, Eduardo Cunha (PMDB-RJ), ameaçou, nessa segunda (30), deflagrar processo de *impeachment* contra a presidente Dilma Rousseff caso o PT não o ajude” (*Folha de S. Paulo*, 1º de dezembro de 2015). A matéria destaca ainda o quadro de instabilidade política na Câmara e no Senado, que ameaçava a aprovação de projetos significativos do ajuste fiscal.

Em outra matéria intitulada “Protestos de 2013 marcaram fim da retórica triunfal do PT”, o jornal também destaca a crise política. A coluna analisa a crise do governo Dilma gerada pelas manifestações de 2013: “[...] havia em junho de 2013 o esgotamento da retórica triunfalista dos ‘bons anos’ – os do ‘nunca antes nesse país’ [...]” e “Expressava-se, entretanto, também, uma crise de representação política [...]” (*Folha de S. Paulo*, 17 de abril de 2016). A coluna apontou ainda para outro aspecto que levou à crise política, sobretudo no governo petista, que foi às condenações do chamado “Mensalão”, um esquema de corrupção envolvendo petistas. O artigo finaliza: “Indo a fundo da coisa, a eleição de 2002 significava o ‘Lulinha paz e amor’, capaz de organizar uma aliança com a direita e com o que quer que fosse”. Desse modo, segundo o jornal, “O PT estava pronto para qualquer negócio – e demorou um bocado para ir à falência” (*Folha de S. Paulo*, 17 de abril de 2016).

O enquadramento do jornal, no que se refere à crise política, foi negativo ao governo petista. Ao colocar o PT no centro da crise política, o jornal opta por dar ênfase a apenas um partido mesmo diante de uma crise de representação que envolve a política tradicional como um todo. Além disso, as matérias sempre enquadram a crise retomando as denúncias de corrupção que envolvem o PT, mais uma vez, dando ênfase a apenas um partido, sendo que tantos outros apareceram em denúncias de corrupção. Tendo em vista que a crise dos partidos políticos e de representação, sobretudo diante do fato dos eleitores que não se sentem mais identificados com os partidos tradicionais (BAQUERO, 2000).

---

Ao associar apenas um ou alguns partidos políticos à crise de representação, a mídia não só simplifica a complexidade da arena política (PORTO, 2004), como também cria um espaço favorável para o surgimento de “heróis”. Os partidos políticos deveriam exercer papel importante, ao se organizar com a sociedade na discussão de problemas e soluções, ou então a sociedade “continuará à espera de ‘salvadores’ que nunca virão” (LEAL, 2012). Na medida em que a mídia atua para desqualificar a política e partidos políticos, ao mesmo tempo em que reforça o personalismo, a crise política e de representação nunca poderá ser resolvida.

### **O *impeachment* e o governo Michel Temer (PMDB)**

Por fim, será analisado o eixo interpretativo referente a notícias que já tratam de expectativas ou de atos do governo Temer, seja como interino, quando Dilma foi afastada até o julgamento final, ou depois que ele assumiu (após o dia 31) quando foi aprovado o *impeachment*, limitando-se a um dia após a votação. Esse enquadramento, equivale a 11 das 141 notícias analisadas (7,80%). Na matéria intitulada “Dilma acusa Temer de querer dar fim a programas sociais”, o jornal destaca os ataques de Dilma aos “traidores da democracia”. Em um discurso exibido em redes sociais, segundo a *Folha*, “a petista acusou o vice-presidente Michel Temer de querer revogar direitos e cortar programas sociais como o Bolsa Família e o Minha Casa, Minha Vida” (*Folha de S. Paulo*, 16 de abril de 2016). A matéria ressaltou que, na gravação, Dilma disse que o grupo de Temer ameaça também a educação pública “ao querer ‘abrir mão da soberania nacional mudando o regime de partilha’ do pré-sal e o entregando ‘às multinacionais estrangeiras’” (*Folha de S. Paulo*, 16 de abril de 2016). Ao final da reportagem, o jornal falou também da gravação feita pelo ex-presidente Lula fazendo um apelo para que os deputados barrem o processo.

Em outra reportagem intitulada “Volta do crescimento é foco dos empresários”, o jornal destaca o otimismo do setor produtivo com a possibilidade do novo governo. A matéria, que escutou alguns empresários e representantes do setor produtivo, destacou a fala do presidente do banco Itaú, Roberto Setubal: “Espero que o país encontre seu caminho em um ambiente democrático e de amplo entendimento, que será essencial para restabelecer a confiança nos agentes econômicos, base para tirar o País da recessão e retomar o crescimento econômico” (*Folha de S. Paulo*, 18 de abril de 2016). A

---

matéria ressaltou no final que assessores do governo afirmaram que deputados aliados mudaram de lado por pressão do empresariado, reforçando a ideia de que o setor econômico estava favorável ao *impeachment*.

Compreender o modo como os discursos estabelecem molduras de sentido, enquadrando o mundo a partir de percepções específicas (MENDONÇA; SIMÕES, 2012), é fundamental tendo em vista a centralidade da mídia, seja tradicional ou digital, na sociedade moderna. Por meio da análise, fica claro um enquadramento do jornal negativo às posições de Dilma Rousseff e mais positivo à entrada do novo governo de Michel Temer. Ao ressaltar que petistas fariam oposição ao governo Temer não aprovando propostas enviadas ao Congresso, mesmo sendo iguais às apresentadas por Dilma, claramente o jornal aponta para uma “oposição irritada”, que não se preocupava tanto com as medidas que seriam apresentadas pelo governo Temer. Ao abordar a expectativa positiva do empresariado diante do governo peemedebista, fica claro, mais uma vez, um enquadramento positivo do setor econômico para o governo Temer e negativo para a continuidade do governo petista.

O posicionamento da *Folha de S. Paulo*, como o da grande imprensa brasileira, foi o de ir assumindo gradativamente a ideia do *impeachment* da presidente Dilma Rousseff (PT) como a alternativa para se resolver a crise política e econômica que o país vivia. Num presidencialismo de coalizão, quando se perde o capital político, o risco de sofrer um processo de cassação é muito forte, como ocorreu com Fernando Collor, em 1992, e com Dilma Rousseff, em 2016, com as devidas divergências dos dois processos políticos. No caso da imprensa, se no início da crise havia especulações sobre novas eleições, com o decorrer do processo passou a defender que Temer continuasse no poder e pudesse, agora com o PT e a esquerda fora do jogo, levar adiante um pacote de reformas da agenda neoliberal – PEC dos Tetos<sup>5</sup>, a Reforma Trabalhista e a Reforma da Previdência. Nesse sentido, a mídia sai do lugar de palco e coloca-se como um ator político fundamental para junto com outros agentes – políticos, Judiciário e empresários – construir uma nova agenda para o país. Isso revela o poder de interferir na realidade política, colocando em xeque todo o debate sobre a suposta objetividade ou a própria ética que deve permear a cobertura jornalística.

---

<sup>5</sup> A PEC do Teto de Gastos Públicos tem como objetivo limitar o crescimento das despesas do governo. Para isso, a medida foi proposta, a fim de fixar um limite anual para as despesas públicas.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É perceptível a centralidade do campo da mídia para o campo político. A política depende da visibilidade midiática e, com isso, o campo midiático passa a ser fundamental para os atores políticos. Fica nítida esta relação de “simbiose” entre mídia e política (MIGUEL, 2003) a partir do momento em que o jornalismo permite que as fontes oficiais lhe indiquem os eventos e as questões essenciais. Porém, ao mesmo tempo, são os jornalistas que definem o que consideram ser importante e interessante mostrar. Ou seja, os agentes dos dois campos estabelecem uma relação que traz benefícios a ambas as partes, mas sempre permanece a tensão devido à lógica e aos objetivos divergentes entre esses campos. A visibilidade negativa que Dilma passou a ter no início do seu segundo mandato, com uma cobertura extremamente negativa da mídia, foi uma das variáveis que podem ter impactado tanto na queda da sua popularidade como também interferiu no jogo político.

Com a perda de apoio político tanto no governo Dilma, o campo midiático exerce um papel ainda mais primordial, uma vez que, as estratégias comunicacionais do governo não são suficientes diante da perda do capital político. Tendo em vista a centralidade da mídia, no caso da cobertura pública e política, os enquadramentos noticiosos permitem aos jornalistas conquistar audiências, organizar e interpretar temas e eventos políticos de forma específica. Portanto, os enquadramentos pautam as conversas e discussões sobre problemas sociais e políticos, sendo um importante efeito no modo como a audiência interpreta esses problemas (PORTO, 2004).

No enquadramento da mídia sobre o processo de *impeachment*, no caso específico deste trabalho, a *Folha de S. Paulo* trabalhou com a perspectiva do processo sob a ótica da legalidade, reforçando a temática da corrupção e da crise econômica, como forma de contribuir para a perda de capital político da presidente Dilma Rousseff. Constata-se que, gradativamente, a mídia foi incorporando a narrativa de que o *impeachment* não somente era uma medida legal, mas como fundamental para superar a crise econômica e institucional. O jornal se apoiou em uma agenda recorrente: a crise econômica, a crise política e a corrupção. Esses três elementos foram centrais nas narrativas analisadas no período usado como recorte. Ao enquadrar o processo sob essas perspectivas, o jornal não só apontou os erros do governo Dilma, apontando as

fragilidades e falta de governabilidade, como apontou para a solução, que seria, nesse caso, a saída da presidente e a entrada de Michel Temer. Apesar de não construir uma narrativa de crime em torno do processo, o jornal traz enfoque aos “erros” de Dilma que levaram a tal situação. Esse argumento é reforçado pelas falas de economistas, analistas e empresários, que aparecem em diversas matérias apresentadas pelo jornal.

É importante ressaltar o tom dramático predominante tanto na narrativa de Dilma e Temer como na narrativa da *Folha de S. Paulo*, especialmente nos momentos cruciais da crise política que envolveu o processo. O enquadramento predominante na mídia é o dramático (narrativo), que seria um enquadramento já enraizado na sociedade e na cultura. Assim, pode-se entender a lógica espetacular por meio desse enquadramento lúdico dado aos jornalistas, inicialmente para fazer com que os eleitores entendam mais facilmente o “jogo” político. Em vários momentos, o jornal tratou da crise do *impeachment* de forma conflituosa, enfatizando os embates e revelando conflitos dos bastidores.

Os resultados apresentados na pesquisa são um recorte diante da amplitude da comunicação governamental e dos veículos de comunicação de massa no Brasil. Por isso, a pesquisa teve como objetivo enriquecer o debate sobre a interface mídia e política. A intenção foi trazer reflexões sobre a influência da mídia na política, e vice-versa, bem como, demonstrar a influência midiática na crise política vivida no Brasil desde o processo do *impeachment*, que pode inclusive, ter tido um papel central nos resultados das eleições de 2018.

#### 4. REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1986.

GOFFMAN, E. **Interaction ritual: essays on face-to-face behavior**. Nova York: Pantheon Books, 1974.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2013.

GOMES, W. **Transformações da política na era da comunicação**. São Paulo: Paulus, 2004.

LIMA, V. A. **Mídia**. Crise política e poder no Brasil. São Paulo: Perseu Abramo, 2006.

MAIA, R. C. M.; VIMIEIRO, A. C. Enquadramentos da mídia e o processo de aprendizado social: transformação na cultura pública sobre o tema da deficiência de 1960 a 2008. **Revista da**



---

**Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação – E-compós**, Brasília, p. 1-22, v. 14, n. 1, jan./abr. 2011.

MENDONÇA, R. F.; SIMÕES, P. G. Enquadramento: Diferentes operacionalizações analíticas de um conceito. **Revista Brasileira de Ciências Sociais (RBCS)**, São Paulo, p. 187-235, v. 27, n. 79, jun. 2012.

MIGUEL, L. F. Capital político e carreira eleitoral: algumas variáveis na eleição para o congresso brasileiro. **Rev. Sociologia Política**, Curitiba, v. 20, p. 115-134, jun. 2003.

MOTTA, L. G. Enquadramentos Lúdico-dramáticos no Jornalismo: mapas culturais para organizar conflitos políticos. **Intexto**, Porto Alegre: UFGS, v. 2, n. 17, p. 1-25, jul./dez. 2007.

PORTO, M. P. Enquadramentos da mídia e política. In: RUBIM, A. A. C. (Org.). **Comunicação e política: conceitos e abordagens**. Salvador: Edufba; São Paulo, Ed. da Unesp, 2004.

RODRIGUES, A. D. **Estratégias da Comunicação**. Lisboa: Presença Editorial, 1990.

SANTOS, Wanderley Guilherme dos. **Razões da Desordem**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1993.

\_\_\_\_\_. **Democracia Impedida**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2017.